



University of  
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho



# revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 11, art. 16, p. 305-323, nov. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.11.16

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



## Estresse Ocupacional e Relações de Gênero Entre Policiais Militares do Rio Grande do Sul

### Occupational Stress and Gender Relations Between Military Police in Rio Grande do Sul

#### **Damiana Machado de Almeida**

Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria  
Doutora em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria  
Professora do Curso de Administração pela Faculdade SOBRESP  
E-mail: adm.damiana@gmail.com

#### **Luís Felipe Dias Lopes**

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina  
Professor no Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Santa Maria  
E-mail: lflopes67@yahoo.com.br

#### **Vania Medianeira Flores da Costa**

Doutora em Administração pela Universidade Federal da Bahia  
Professora no Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Santa Maria  
E-mail: vania.costa@ufsm.br

#### **Jonathan Saidelles Corrêa**

Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria  
Programa de Pós-Graduação em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria  
E-mail: jonathan.saidelles@gmail.com

#### **Raquel Boff Menegazzi**

Bacharel em Administração pela Universidade Franciscana  
Programa de Pós-Graduação em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria  
E-mail: menegazzi.rb@gmail.com

#### **Endereço: Damiana Machado de Almeida**

Universidade Federal de Santa Maria - Av. Roraima,  
1000, 4303, CEP: 97105-900, Santa Maria/RS, Brasil.

#### **Endereço: Luís Felipe Dias Lopes**

Universidade Federal de Santa Maria - Av. Roraima,  
1000, 4303, CEP: 97105-900, Santa Maria/RS, Brasil.

#### **Endereço: Vania Medianeira Flores da Costa**

Universidade Federal de Santa Maria - Av. Roraima,  
1000, 4303, CEP: 97105-900, Santa Maria/RS, Brasil.

#### **Endereço: Jonathan Saidelles Corrêa**

Universidade Federal de Santa Maria - Av. Roraima,  
1000, 4303, CEP: 97105-900, Santa Maria/RS, Brasil.

#### **Endereço: Raquel Boff Menegazzi**

Universidade Federal de Santa Maria - Av. Roraima,  
1000, 4303, CEP: 97105-900, Santa Maria/RS, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar  
Rodrigues**

**Artigo recebido em 03/09/2020. Última versão  
recebida em 23/09/2020. Aprovado em 24/09/2020.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review  
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review  
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**



## RESUMO

Associações de gênero estão crescentemente sendo consideradas em discussões sociais e acadêmicas, haja vista que diferenças entre homens e mulheres se manifestam no cotidiano. No âmbito profissional, existem atividades propícias à existência de exaustão física e emocional, como é o caso dos policiais militares. Nesses ambientes é elevada a probabilidade de manifestação do estresse ocupacional, o qual se caracteriza pela vivência pelo profissional de condições indesejáveis ou precárias no ambiente de trabalho. Desse modo, esta pesquisa objetiva associar o nível de estresse ocupacional com o gênero dos policiais militares do estado do Rio Grande do Sul. Realizou-se uma pesquisa descritiva, do tipo *survey*, com abordagem quantitativa, participando 519 policiais militares pertencentes a quartéis de 97 cidades localizadas no Estado. Os dados obtidos foram analisados por meio de estatísticas descritivas, teste para diferença de proporções e análise de correspondência. Os resultados permitiram inferir que não houve associação entre gênero e os níveis de estresse ocupacional.

**Palavras-chave:** Estresse Ocupacional. Gênero. Policiais Militares. Trabalho.

## ABSTRACT

Gender associations are increasingly being used in social and academic discussions, and there may be differences between men and women manifesting themselves in daily life. In the professional sphere, there are activities conducive to physical and emotional exhaustion, such as the military. It nestles environments with a high probability of manifesting occupational stress, or what is the characteristic of the professional's experience of undesirable or precarious conditions in the work environment. Thus, this objective research associates the level of occupational stress with the gender of military personnel in the state of Rio Grande do Sul. A descriptive, research-type survey was carried out, with a quantitative approach, participating in 519 military police officers belonging to 97 barracks. cities located in the state. The selected data were analyzed using descriptive statistics, test for difference in proportions and correspondence analysis. The results allowed us to conclude that there was no association between genders and occupational stress levels.

**Keywords:** Occupational Stress. Genre. Military Police. Job.

## 1 INTRODUÇÃO

Diante da evolução do mundo do trabalho, as condições físicas e psicológicas do ambiente laboral ganharam espaço em estudos relacionados ao estresse ocupacional, que consiste na vivência pelo indivíduo de condições de insatisfações no ambiente de trabalho, podendo motivar a exaustão física e mental (LIPP, 2004). Tais condições podem interferir positiva ou negativamente no colaborador e abrangem o ritmo de trabalho, a cobrança por metas, as relações entre a equipe, as relações familiares e as relações sociais (BARBOSA, 2013).

Tomando como objeto de estudo a Polícia Militar, analisada como um espaço organizacional de interação social, pode ser compreendida como sendo uma corporação de pessoas cujos objetivos são patrulhar os espaços públicos, controlar o crime, manter a ordem e exercer funções de serviço. Essas atividades são autorizadas pela sociedade, mas podem sofrer incompreensão por se tratar do uso da força de uma sociedade contra ela mesma, o que ressalta aspectos de coerção, controle e opressão (BAYLEY, 2001). Costa *et al.* (2007) alertam que essa é uma das profissões mais propensas ao estresse no trabalho, dado o enfrentamento diário da pressão e dos riscos da atividade.

Considerada por Capelle e Melo (2010) uma espécie de gueto masculino, devido à predominância de homens, a Polícia Militar admitiu o ingresso de mulheres há pouco tempo, principalmente em funções administrativas e de relações públicas, consideradas como atividades-meio e não atividades-fim da Polícia, percebendo-se maior dificuldade de inserção daquelas policiais que optam por seguir carreira no policiamento operacional. Em 2015, as mulheres representavam apenas 12,3% da corporação militar no Brasil (FBSP, 2015).

Tal disparidade com relação ao número de efetivos homens diante das mulheres é uma das inúmeras diferenças que definem as relações de gênero entre policiais militares. Conforme dados do FBSP (2015), 42,3% das mulheres pesquisadas informaram que se sentem muito cansadas sempre, ou seja, frequentemente, enquanto este índice cai para 35,7% na visão dos homens. Sobre ter energia ao final do dia para realizar atividades extras, 20,5% dos homens informaram ter sempre energia, enquanto esse índice cai para 12,9% na opinião das mulheres. Ambos os fatores analisados são causadores do estresse ocupacional (LIPP, 2004).

Nesse sentido, pretende-se, através deste estudo, associar o nível de estresse ocupacional com o gênero dos Policiais Militares do estado do Rio Grande do Sul.

Segundo Almeida *et al.* (2017), esse público apresenta, em sua maioria, nível médio de estresse ocupacional, sendo que ações devem ser planejadas para evitar que esse público atinja o nível mais alto, o que poderia acarretar uma sobrecarga ainda maior no cotidiano tão exigente que esses profissionais já encontram.

O estudo realizado por Costa *et al.* (2007) aponta o gênero feminino como o mais vulnerável aos impactos do trabalho em sua saúde mental, ocasionando o estresse. No entanto, há dificuldade em encontrar na literatura outros estudos que apresentem uma análise das associações entre estresse e gênero, o que justifica a relevância científica deste estudo, que pretende preencher lacunas que porventura ainda existam sobre o tema.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Estresse ocupacional

O estresse ocupacional é considerado uma relação particular entre o indivíduo, seu ambiente de trabalho e as demais situações à qual está submetido, que será avaliado pela pessoa como uma ameaça ou algo que exija de forma interna as habilidades que ela tem para enfrentar a situação. Perceber o ambiente de trabalho como ameaçador ao crescimento pessoal e profissional e até mesmo à saúde é característica frequente do estresse ocupacional, principalmente quando a rotina laboral se torna muito prejudicial para a pessoa ou ela não possui estratégias adequadas para lidar com a situação (LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES 2005).

Ainda que não seja considerada uma doença, trata-se de um estado de desgaste ao qual o corpo humano é submetido ou da redução da capacidade de adaptação do indivíduo a situações exigidas em sua mente (XAVIER; RIOS; FRANÇA-BOTELHO, 2013). Para Benevides-Pereira (2010, p. 46), “o estresse pode acometer qualquer pessoa e, quando o agente desencadeador se refere à atividade desempenhada, o mais correto seria a designação de estresse ocupacional”. Assim, o estresse ocupacional torna-se o mecanismo utilizado pelas pessoas de modo a se adaptarem às exigências do ambiente externo e interno no trabalho, englobando situações físicas, psicológicas e sociais (TAMAYO, 2007; FERRAZ; FRANCISCO; OLIVEIRA; 2014).

Os agentes estressores externos referem-se aos relacionamentos e às situações vivenciadas no dia a dia, tanto na vida pessoal como no trabalho. Quanto aos internos, trata-se de crenças, valores, características pessoais e a forma como são interpretadas as diferentes

situações (LIPP, 2004). Oportuno é compreender que nem toda carga de trabalho conduz ao estresse, mas, sim, aquela crônica e permanente na rotina de trabalho (PASCHOAL; TAMAYO; 2004; SONNENTAG; BAYER, 2005).

No entanto, Benevides-Pereira (2002) destaca que o estresse não advém apenas de eventos negativos, há eventos positivos que também vão representar uma carga emocional considerada excessiva, como, por exemplo, uma promoção ou a mudança de cidade, em função das responsabilidades e consequências para a vida pessoal que representam.

As respostas às situações de estresse dependem de cada indivíduo, de atitudes psicológicas e comportamentais distintas, oriundas de fatos ocorridos no ambiente de trabalho, porém, fora do alcance de suas habilidades profissionais (PASCHOAL; TAMAYO, 2004). Ainda para esses autores, ao identificar demandas de trabalho que excedem sua capacidade de resolução, o trabalhador se depara com uma situação de estresse, que geralmente é percebida de forma negativa. E a natureza desses fatos estressores poderá ser físicas (ruídos, iluminação) ou psicossociais (relacionamento interpessoal, autonomia, desenvolvimento de carreira).

O estresse ocupacional pode ser mensurado com escalas, sendo a Escala de Estresse no Trabalho (EET) uma das mais utilizadas. Elaborada e validada por Paschoal e Tamayo (2004), possui adequação em diversos ambientes de trabalho e ocupações. É constituída por 23 itens que formam um único fator (unifatorial), sendo que cada item aborda tanto um estressor (sobrecarga de trabalho, conflito entre papéis, ambiguidade de papéis, relacionamento interpessoal no trabalho, fatores de desenvolvimento na carreira e autonomia/controle no trabalho) quanto uma reação emocional a este. Cada um dos 23 itens é composto por uma escala de cinco opções de resposta: 1 (discordo totalmente), 2 (discordo), 3 (concordo em parte), 4 (concordo), 5 (concordo totalmente).

Com o intuito de conhecer as causas do estresse ocupacional, pesquisas e estudos voltados para esse tema identificaram as condições de trabalho como um dos principais fatores desencadeadores de estresse (XAVIER; RIOS; FRANÇA-BOTELHO, 2013).

De acordo com resultados da pesquisa elaborada por Ferraz, Francisco e Oliveira (2014), as imposições de programas e prazos reduzidos, competição interna e variações econômicas resultam em um estado de enrijecimento muscular e de exaustão mental dos indivíduos. Percebe-se o estresse como um alto custo para as organizações, demonstrado por queda na produtividade, faltas frequentes e custos elevados com assistência médica.

Para Cocchiara *et al.* (2013, p. 98), “o local de trabalho da atualidade transformou-se num local de geração de demandas ocupacionais que, se não adequadamente tratadas, podem

levar ao *stress* ocupacional negativo”. Para tais autores, a relação de trabalho entre mulheres e homens proporciona uma série de aprendizagens no que tange à forma de lidar com os estressores prejudiciais. Em contrapartida, para Rossi (2012), existem algumas diferenças entre as percepções de homens e de mulheres em relação ao estresse ocupacional, mas ocorre um consenso em ambos ao reconhecer os estressores que têm maior impacto.

## 2.2 Apontamentos sobre gênero e estresse na profissão policial

Inicialmente, as perspectivas sobre gênero ponderavam somente sobre questões biológicas dos sexos feminino e masculino, que geravam desigualdade entre eles. Posteriormente, como destacam Ribeiro e Garcia (2015), iniciou-se uma concepção de que o gênero é consequência da socialização e do contato com diferentes experiências vividas por homens e mulheres. Essa desigualdade ocorre de diferentes maneiras, como na forma de entrada no mercado de trabalho, na remuneração recebida e nas restritas oportunidades de ascensão profissional reservadas ao público feminino (BRUSCHINI; LOMBARDI; 2008; CAMARGOS; RIANI; MARINHO, 2014).

Segundo Rosa (2012), desde o século XX, a inserção de mulheres em postos de trabalho comumente ocupados por homens tem crescido. Apesar do espaço conquistado pelas mulheres em organizações em que há predomínio de indivíduos do gênero masculino, fica presente certa distribuição de atividades que são tidas como adequadas para homens e para mulheres. Geralmente, as mulheres são designadas para áreas tradicionalmente femininas em instituições públicas, com funções como enfermagem, assistência social e pedagogia, caracterizadas pelo ato de cuidar e assistir, em que as competências femininas são aperfeiçoadas. Em um mercado em que muitas profissões foram criadas para homens, a inserção das mulheres nesse ambiente é cercada por desconfianças, muitas vezes por essa cultura de que existam funções adequadas para cada sexo (RIBEIRO; GARCIA, 2015).

Embora grande parte do total de mulheres com nível universitário se concentre em áreas tradicionalmente consideradas redutos profissionais femininos, como educação, saúde, humanidades e artes, elas têm ampliado sua presença laboral, ocupando áreas outrora dominadas pelos homens, como ciências sociais, direito, engenharia, medicina, arquitetura, dotadas de maior reconhecimento financeiro e social (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2008).

No que tange ao ambiente policial, ele foi historicamente marcado pela predominância masculina de profissionais (CAPPELLE; MELO, 2010). Em escala mundial, a necessidade de preencher os espaços deixados pelo efetivo masculino em função das guerras e

das indispensáveis reformas institucionais para combater a corrupção, violência e deterioração da imagem de instituições policiais serviu como fomento para o ingresso das mulheres (SOARES; MUSUMECI, 2005).

Segundo Soares e Musumeci (2005), a abertura da Polícia Militar para as mulheres policiais foi tardia, iniciada em 1980, sem mudanças adequadas a essa realidade. No Brasil, a introdução da Polícia Feminina seguiu os modelos de experiência europeu e americano, visto que obtiveram bons resultados na solução de questões relacionadas às missões assistenciais e de polícia preventiva (CASTRO; FRANCO, 2011).

No estado do Rio Grande do Sul, a primeira turma feminina da academia ocorreu em 17 de fevereiro de 1986, com a missão de trabalhar com idosos e crianças. Durante 10 anos, destinaram os serviços em quartéis na companhia de outras mulheres, sendo que somente em 1997 puderam acompanhar os homens nas atividades operacionais.

Em razão de a Polícia Militar ser uma instituição na qual se sobressaem os aspectos militares na formação de seus agentes e na definição de suas estruturas internas, secularmente os valores associados ao homem são considerados arquétipos referenciais no desempenho das atividades policiais. Tal fato fez com que a identidade das mulheres policiais e o processo de feminização da carreira se manifestassem através da presença feminina em locais e atividades carregadas de menor prestígio na instituição. Esta inserção é prejudicada, ainda, por demonstrações claras de resistência nos espaços hegemonicamente masculinos (CALAZANS, 2003).

Nesse sentido, o ingresso e a ampliação do contingente de mulheres em corporações militares podem ser considerados aspectos emblemáticos dos avanços sociais alcançados pelo público feminino. No Rio Grande do Sul, a designação da primeira mulher a comandar um batalhão da Brigada Militar na capital do estado ocorreu em 2012, sendo o cargo ocupado por uma tenente-coronel. Desde 2007, esse oficial estava no comando de um batalhão de um município do interior, tendo sido a primeira a ocupar esse posto em todo o estado (FIUZA, 2012). Atualmente, a maioria do público feminino ocupa o cargo de Soldado (51,2%), conforme dados apresentados pelo FBSP (2015), e somente 14,6% dos cargos de gestão são ocupados por mulheres.

Fatos como esses demonstram que, gradativamente, a mulher está rompendo com o chamado teto de vidro (STEIL, 1997), que se refere à sutil e transparente barreira que bloqueia a ascensão das mulheres para níveis hierárquicos mais altos. Mesmo após décadas da presença feminina na profissão, Castro e Franco (2011) mencionam que ainda existe a

percepção errônea de que o policial homem transmite maior segurança do que a policial feminina, além de inspirar maior respeito da sociedade.

Pitts, Ferraz e Lima (2014) buscaram investigar a Qualidade de Vida no Trabalho de mulheres da Polícia Militar e concluíram que a percepção oscila entre insatisfeita e indiferente, principalmente no que diz respeito à remuneração e às oportunidades de crescimento na carreira. Tais autores mencionam que a maioria das policiais militares exercem atividades administrativas, tornando um desafio implantar programas a fim de diminuir as diferenças entre gênero.

Corroborando, Camargos, Riani e Marinho (2014) constataam que o aumento da presença das mulheres nas instituições policiais não diminuiu seus encargos nas atividades do lar. 75,7% das pesquisadas afirmaram sempre fazer atividades domésticas em seu tempo livre (FBSP, 2015), caracterizando, assim, uma jornada dupla passível de sobrecarga física e psicológica.

De acordo com Bezerra, Minayo e Constantino (2013), as mulheres policiais destacam como fatores de estresse negativo no ambiente de trabalho: problemas com hierarquia, em virtude de promoções não considerarem a capacidade profissional, e sim o tempo de serviço no posto policial; preconceito de gênero, caracterizado por diferenças na distribuição das tarefas entre homens e mulheres; e a desconfiança por parte dos colegas, os quais não admitem que o segmento feminino possa realizar as mesmas tarefas que o masculino.

Um estudo realizado por Costa et al. (2007) verificou que a proporção de policiais sem sintomas de estresse foi de 52,6%, enquanto 47,4% apresentaram sintomatologia (COSTA, et al., 2007). Destaca-se que homens e mulheres concordam que a profissão policial às vezes prejudica a vida familiar e social e que, na maioria das vezes, o trabalho exige que as emoções sejam escondidas.

No entanto, também afirmam que sentem orgulho em contar a amigos, conhecidos e familiares que são policiais, sendo que tanto os homens quanto as mulheres se sentem satisfeitos com relação ao seu trabalho e pretendem se aposentar como profissionais da segurança pública (FBSP, 2015).

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza por ser descritiva, quantitativa e do tipo *survey*. Para Gil (2007), a pesquisa descritiva objetiva descrever as características de uma população ou

fenômeno, ou ainda estabelecer relações entre variáveis. Dentre as técnicas de coleta de dados utilizadas pela pesquisa descritiva, a mais utilizada é o questionário.

Tem um caráter quantitativo, pois, segundo Lopes *et al.* (2008), permite a identificação de características populacionais que podem ser quantificadas. O objetivo da pesquisa quantitativa é garantir resultados precisos e evitar distorções de análise e de interpretação, garantindo uma margem maior de segurança quanto às inferências.

Como tipo de pesquisa, classifica-se como sendo *survey*, pois, segundo Babbie (2001), esta permite descobrir a distribuição de certos traços e atributos, considerando uma determinada população. Nesse contexto, não tem a pretensão de descobrir o porquê da distribuição existir, mas sim como ela é.

O presente estudo foi realizado no estado do Rio Grande do Sul, com os policiais militares que fazem parte da Brigada Militar. A população do estudo foi composta por cerca de 33.650 servidores militares, sendo que a amostra foi constituída por 519 indivíduos que trabalham efetivamente em 97 municípios do Estado. A escolha dos policiais militares ocorreu por meio de amostragem não probabilística, uma vez que a inclusão de cada um foi de acordo com a disponibilidade no dia e horário determinados pela Brigada Militar para a aplicação.

A respeito dos aspectos éticos, a pesquisa foi registrada no Gabinete de Projetos (GAP) do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) sob o número de projeto 036461. Em seguida, o projeto foi destinado ao Comando Geral da Brigada Militar do Estado para registro, avaliação e liberação. Por fim, o referido estudo foi registrado no Sistema Nacional de Ética em Pesquisa (SISNEP) sob certificado de apresentação para apreciação ética (CAAE) de nº 31304914.4.0000.5346.

Para coleta de dados, utilizou-se um Protocolo de Pesquisa composto por dados pessoais e ocupacionais e a Escala de Estresse no Trabalho (EET) proposta por Paschoal e Tamayo (2004), composta por 23 itens. Após a coleta, os dados foram transferidos para uma planilha eletrônica, no programa *Office Excel*, criando um banco de dados para, posteriormente, ser analisado eletronicamente com o auxílio do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 21. Para identificar os níveis de estresse ocupacional, os dados em escala ordinal foram transformados em escala de razão, e utilizaram-se duas categorias: alto (média de 50,01% a 100%) e baixo (média de 0 a 50%).

Na sequência, elaborou-se uma análise descritiva dos dados (DANCEY; REIDY, 2006) e foi utilizado o indicador de consistência interna *Alpha de Cronbach*, que tem como propósito verificar a confiabilidade da escala do questionário. Segundo Hair Jr. *et al.* (2005)

um nível satisfatório de confiabilidade quer dizer que as respostas dos pesquisados estão apresentando coerência no respectivo instrumento composto por escalas. Para esses autores, uma variação do *Alpha de Cronbach* entre 0,7 a 0,8 é considerada uma associação boa, enquanto que o valor acima de 0,9 é considerado excelente, pois quanto mais próximo de 1 o coeficiente, maior a confiabilidade do instrumento.

Verifica-se que o *Alpha de Cronbach* obtido nesse estudo para a Escala de Estresse no Trabalho (EET) de Paschoal e Tamayo de 2004 ( $\alpha=0,932$ ) confirmou um nível satisfatório de consistência interna e confiabilidade dos dados, segundo Hair Jr. *et al.* (2005).

Foram realizadas análises descritivas simples, fez-se o teste para Diferença de Proporções, e por fim a análise de correspondência. Segundo Hair Jr. *et al.* (2005), a Análise de Correspondência é uma técnica multivariada de interdependência que promove a redução dimensional da classificação de objetos em um conjunto de propriedades e o mapeamento espacial de objetos referentes a esses atributos. Esta técnica utiliza uma tabela de contingência, que representa a tabulação cruzada de duas variáveis determinantes, a qual permite visualizar paridades e diferenças entre as variáveis.

Essa análise visa representar as frequências relativas (percentuais) em gráficos bidimensionais, por meio das medidas de distância entre as categorias. A interpretação dos resultados em análise de correspondência resulta no agrupamento de categorias (variáveis pesquisadas) na tabela de contingência, assim como a análise de elementos principais envolve o agrupamento das variáveis independentes. Segundo Malhotra (2006), os resultados são analisados em termos de proximidade entre as linhas e as colunas.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, estão dispostos os resultados do presente estudo, sendo que em primeiro instante expõe-se uma breve caracterização do perfil pessoal e ocupacional dos 519 respondentes. No segundo momento, aborda-se o nível de Estresse Ocupacional encontrado no contexto e, por fim, associa-se o nível de estresse e o gênero dos policiais pesquisados.

### 4.1 Caracterização do perfil

A caracterização do perfil dos pesquisados foi feita a partir de uma análise descritiva dos dados, utilizando tabelas de frequência e medida descritiva (DANCEY; REIDY, 2006). A

pesquisa obteve 519 participantes, todos policiais militares do Rio Grande do Sul, cujos resultados se apresentam na Tabela 1.

**Tabela 1 – Caracterização dos dados pessoais do perfil dos participantes da pesquisa**

VARIÁVEIS	TOTAL (n=519)	
	ABSOLUTO	RELATIVO
<b>Gênero</b>		
Feminino	86	16,57%
Masculino	<b>433</b>	<b>83,43%</b>
<b>Faixa de Idade</b>		
Até 30 anos	163	31,41%
31 anos ou mais	<b>345</b>	<b>66,47%</b>
Não responderam	11	2,12%
<b>Estado Civil</b>		
Casado	<b>376</b>	<b>72,45%</b>
Solteiro	96	18,50%
Separado	46	8,86%
Não respondeu	1	0,19%
<b>Filhos</b>		
Possui filhos	<b>351</b>	<b>67,63%</b>
Não possui filhos	168	32,37%
<b>Número de Filhos</b>		
Um filho	<b>149</b>	<b>42,45%</b>
Dois filhos	137	39,03%
Três filhos	46	13,11%
Quatro filhos ou mais	19	5,41%
<b>Escolaridade</b>		
Ensino Médio	<b>307</b>	<b>59,15%</b>
Graduação Incompleta	118	22,74%
Graduação Completa	68	13,10%
Pós-graduação	24	4,62%
Não responderam	2	0,39%

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar a Tabela 1, observa-se que no perfil sociodemográfico o gênero masculino teve maior concentração de respondentes, com um total de 433 policiais (83,43%), enquanto 86 policiais (16,57%) são do gênero feminino. De acordo com Cappelle e Melo (2010), sabe-se que a participação das mulheres na polícia militar tem ocorrido, principalmente, em funções administrativas (atividades-meio), com maior dificuldade de ocuparem postos de trabalho no policiamento operacional, que é a atividade-fim.

Nas faixas de idade, constatou-se um predomínio de policiais com 31 anos ou mais, representando 345 respondentes (66,47%). Em relação ao estado civil, a maioria é casada, correspondendo a 376 policiais (72,45%). Quanto ao caso de possuir filhos, destaca-se que

351 (67,63%) responderam positivamente, sendo que 149 (42,45%) destes têm apenas um filho e 137 (39,03%) têm dois filhos. No que diz respeito à escolaridade, destaca-se que grande porção dos respondentes possui ensino médio, correspondendo a 307 (59,15%).

Na Tabela 2, estão demonstrados os dados ocupacionais dos respondentes, de maneira que seja possível complementar o perfil da amostra.

**Tabela 2 – Caracterização dos dados ocupacionais do perfil dos participantes da pesquisa**

VARIÁVEIS	TOTAL (n=519)	
	ABSOLUTO	RELATIVO
<b>Tempo de Atuação na Instituição</b>		
1 a 4 anos	70	13,51%
5 a 10 anos	162	31,27%
11 a 20 anos	85	16,41%
21 a 30 anos	<b>166</b>	<b>31,98%</b>
Mais de 30 anos	35	6,76%
Não respondeu	1	0,19%
<b>Posto</b>		
Soldado	<b>305</b>	<b>58,76%</b>
Sargento (1º, 2º ou 3º)	198	38,15%
Subtenente	2	0,39%
Tenente (1º ou 2º)	8	1,54%
Capitão	4	0,77%
Não responderam	2	0,39%
<b>Atividade</b>		
Interna	84	16,18%
Externa	<b>221</b>	<b>42,58%</b>
Ambas	211	40,66%
Não responderam	3	0,58%
<b>Renda</b>		
1 a 3 salários mínimos	<b>272</b>	<b>52,41%</b>
4 a 6 salários mínimos	218	42,00%
7 salários mínimos ou mais	22	4,24%
Não responderam	7	1,35%
<b>Grau de Responsabilidade pela Manutenção Financeira da Família</b>		
Único responsável	159	30,64%
Principal responsável, mas recebe ajuda de outra pessoa	160	30,83%
Divide igualmente as responsabilidades com outra pessoa	<b>184</b>	<b>35,45%</b>
Contribui apenas com uma pequena parte	10	1,93%
Não tem nenhuma responsabilidade financeira	5	0,96%
Não respondeu	1	0,19%

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base na Tabela 2, pode-se afirmar que o perfil ocupacional da amostra do presente estudo apresenta predominância de policiais militares que possuem de 21 a 30 anos (31,98%) de atuação na Brigada Militar. O posto de soldado foi o de maior participação na pesquisa, com 305 (58,76%) respondentes. Dentre os participantes, a maioria desempenha suas atividades externamente à instituição, representando 221 (42,58%) indivíduos. A faixa de renda com maior representatividade foi a de 1 a 3 salários-mínimos (52,41%). Por fim, quanto à responsabilidade pela manutenção financeira da família, 184 (35,45%) policiais dividem igualmente essa responsabilidade (35,45%).

#### 4.2 Associação entre Nível de Estresse Ocupacional e Gênero

Nesta seção, responde-se ao objetivo específico de identificar o nível de estresse ocupacional por gênero dos policiais militares pesquisados. O estresse ocupacional foi avaliado a partir das 23 questões que compõem a Escala de Estresse no Trabalho (EET) de Paschoal e Tamayo (2004).

Para isso, padronizaram-se os resultados das médias obtidas na escala, classificando-as em duas categorias: alto e baixo nível de estresse ocupacional, conforme Tabela 3.

**Tabela 3 – Nível de estresse ocupacional e gênero**

Nível de Estresse Ocupacional	Gênero	
	Feminino	Masculino
Alto	37 (43,02%)	227 (52,42%)
Baixo	49 (56,98%)	206 (47,58%)
<b>Total</b>	86 (100,00%)	433 (100,00%)

Fonte: Dados da pesquisa.

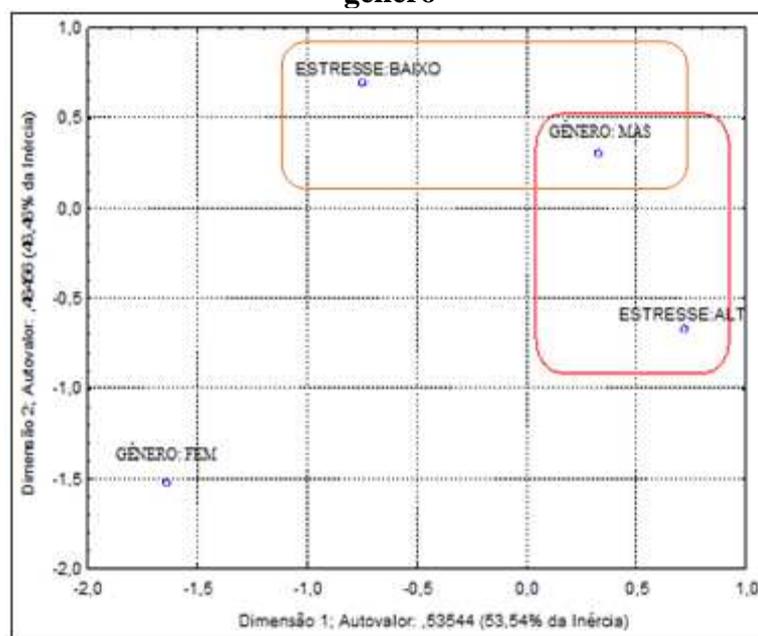
Verifica-se, na Tabela 3, que, considerando o gênero feminino, a maioria (56,98%) das participantes da pesquisa apresentou nível baixo de estresse ocupacional, enquanto no gênero masculino, 47,58% demonstraram esse nível. Já ao analisar o alto nível de estresse, o gênero feminino registrou 43,02% e o gênero masculino 52,42%, mesmo sendo pequena tal diferença (9,40%).

Porém, ao aplicar o Teste para Diferença de Proporções, verificou-se que não existe diferença significativa entre as proporções de homens e mulheres quanto à classificação do nível de estresse ocupacional. O p-valor comportou-se igual nas duas proporções (p-valor =

0,1112). Além do Teste para Diferença de Proporções, utilizou-se também a técnica de Análise de Correspondência, a fim de identificar se existe associação entre o nível de estresse ocupacional e o gênero dos policiais militares do estado do Rio Grande do Sul.

Por intermédio da técnica multivariada de interdependência (análise de correspondência), desenvolve-se um mapa espacial das médias em relação ao grau de concordância referente às respostas do instrumento de pesquisa, conforme a Figura 2.

**Figura 2 –Análise de Correspondência referente ao nível de estresse ocupacional e gênero**



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao relacionar os níveis de estresse ocupacional (alto e baixo) e gênero feminino e masculino, observa-se, na Figura 2, que houve associação entre o gênero masculino e os níveis alto (52,42%) e baixo (47,58%) de estresse ocupacional. Em contrapartida, não houve associação entre o gênero feminino e os níveis de estresse ocupacional.

Considerando o resultado do teste para Diferença de Proporções, no seu achado não identificou diferença significativa entre as proporções de homens e mulheres quanto a classificação do nível de estresse ocupacional. Assume-se que a associação do gênero masculino se deu em função da diferença de homens e mulheres da amostra pesquisada, na qual o percentual de homens supera em 66% o de mulheres.

Ao encontrar tais resultados, é pertinente realizar uma reflexão. Cocchiara *et al.* (2013), ao publicar “As ferramentas certas: lições sobre a resposta ao *stress* do sexo oposto”, afirma que grande parte do que sabemos a respeito do estresse baseia-se nos resultados de

pesquisas nos quais a grande parte é de homens. Segundo tais autores, a partir de 1995 é que aumentou a participação da mulher no mercado de trabalho. A partir desse momento, as mulheres ficaram mais suscetíveis aos mesmos estressores ocupacionais que os homens (COCCHIARA; BELL, 2010).

Tal achado vai ao encontro dos resultados da presente pesquisa, principalmente o resultado proveniente do teste para Diferença de Proporções, que não identificou diferença significativa entre as proporções de homens e mulheres quanto à classificação do nível de estresse.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfrentando inúmeros desafios, a mulher vem ocupando cada vez mais espaços predominantemente masculinos, como é o caso da carreira militar, especialmente na Polícia Militar. Por ser um assunto pouco explorado na literatura, o entendimento da associação dos níveis de estresse ocupacional e gênero se fez necessário. Para isso, o objetivo geral da presente pesquisa foi associar o nível de estresse ocupacional com o gênero dos policiais militares do estado do Rio Grande do Sul.

Através da análise do perfil sociodemográfico e ocupacional, percebeu-se a predominância das seguintes características dos policiais militares: gênero masculino; faixa etária de 31 anos ou mais; casados; com filhos; com ensino médio; tempo de serviço de 21 a 30 anos; cargo de soldado; desempenho de atividades externas; faixa de renda entre um e três salários mínimos.

Os dados obtidos sobre o nível de estresse ocupacional dos policiais militares participantes do estudo revelaram que a maioria do gênero feminino (56,98%) apresentou nível baixo de estresse ocupacional, enquanto para o gênero masculino predominou alto nível de estresse (52,42%). É possível inferir que a mulher, mesmo com toda a responsabilidade que lhe cabe, desenvolve estratégias de enfrentamento às rotinas do dia a dia, minimizando assim o nível de estresse ocupacional.

O alcance desses resultados possibilitou atingir o objetivo geral desta pesquisa, sendo que a análise foi viabilizada por intermédio de duas técnicas estatísticas: Teste para Diferença de Proporções e Análise de Correspondência. Com o primeiro teste não se identificou diferença significativa entre as proporções de homens e mulheres quanto à classificação do nível de estresse ( $p > 0,05$ ). Ao fazer uso da Análise de Correspondência, verificou-se que houve associação entre gênero masculino e os níveis alto (52,42%) e baixo (47,58%) de

estresse ocupacional. Em contrapartida, não houve associação entre gênero feminino e os níveis de estresse ocupacional.

Considerando os resultados dos dois testes, presume-se que a associação do gênero masculino se deu em função da diferença de homens e mulheres na amostra pesquisada, na qual o percentual de homens supera em grande parte o de mulheres.

Considerando os fatores limitadores desta pesquisa, destaca-se o fato de que se fez uso apenas da abordagem quantitativa. Por isso, sugere-se para estudos futuros adotar a abordagem qualitativa aliada à abordagem quantitativa, fazendo uso de entrevistas com uma amostra do contingente militar, a fim de identificar peculiaridades que não foram percebidas no presente estudo. Outro fator limitador se refere à dificuldade em comparar os achados com outras pesquisas, principalmente em relação à análise das associações. Quanto ao fato de o estudo ter sido apenas no estado do Rio Grande do Sul, também é limitador, de modo que a generalização dos resultados é restrita a essa realidade.

Indica-se a replicação desta pesquisa com uma amostra nas diversas regiões brasileiras, alcançando até mesmo outros países, a fim de realizar análises comparativas. Portanto, as considerações e limitações abordadas servem como ponto de partida para o desenvolvimento de novos estudos sobre as temáticas e o público em questão.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D. M. *et al.* Avaliação do estresse ocupacional no cotidiano de policiais militares do Rio Grande do Sul. **Revista Organizações em contexto**, São Bernardo do Campo, v. 13, n. 26, jul./dez., p. 215-238, 2017.
- BABBIE, E. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BARBOSA, R. P. Relações de gênero e a lógica da competência no mercado de trabalho. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 3, n. 2, p. 36-52, 2013.
- BAYLEY, D. **Padrões de Policiamento**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- BENEVIDES-PERREIRA, A. M. T. B. **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- BEZERRA, C. M; MINAYO, M. C. S; CONSTANTINO, P. Estresse ocupacional em mulheres policiais. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, n. 3, p. 657-666, 2013.
- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Trabalho, educação e rendimentos das mulheres no Brasil em anos recentes. In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Org.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Senac, 2008. p. 45-87.

CALAZANS, M. E. **A constituição de mulheres em policiais**: um estudo sobre policiais femininas na Brigada Militar do Rio Grande do Sul. 2003. 123f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CAMARGOS, M. C. S.; RIANI, J. L. R.; MARINHO, K. R. L. Mercado de trabalho e gênero: uma análise das desigualdades em Minas Gerais. **Pretexto**, v. 15, n. 2, p. 41-57, 2014.

CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. O. L. Mulheres policiais, relações de poder e de gênero na polícia militar de Minas Gerais. **RAM, Rev. Adm Mackenzie**, v. 11, n. 3, p. 71-99, 2010.

CASTRO, M. R.; FRANCO, R. A. Relações de gênero e poder: o caso da Polícia Militar Feminina de Minas Gerais. In.: III Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, 2011, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: EnEPQ, 2011

COCCHIARA, F. K.; GAVIN, D. J.; GAVIN, J. H.; QUICK, J. C. As Ferramentas “certas”: lições sobre a resposta ao stress do sexo oposto. In: ROSSI, A. M.; MEURS, J. A.; PERREWÉ, P. L. (Org.). **Stress e Qualidade de Vida no Trabalho**: melhorando a saúde e o bem-estar dos funcionários. São Paulo: Atlas, 2013.

COCCHIARA, F. K.; BELL, M. P. Gender and work stress: unique stressors, unique responses. In: COOPER C. L.; QUICK J. C.; SCHABRACQ, M. J. (Ed.). **Work and health psychology**: the handbook. 3. Ed. Wiley-Blackwell, p. 123-145, 2010.

COSTA, M. *et al.* Estresse: diagnóstico dos policiais militares em uma cidade brasileira. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Washington v. 21, n. 4, p. 217-222, 2007. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v21n4/04.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

DANCEY, C. P; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERRAZ, F. C; FRANCISCO, F. R.; OLIVEIRA, C. S. Estresse no ambiente de trabalho. **Archives of Health Investigation**, v. 3, n. 5, p. 1-8, 2014.

FIUZA, A. **Primeira mulher a comandar Batalhão da Brigada Militar assume posto na Capital. Estado do Rio Grande do Sul**. [online], 2012. Disponível em: <<https://www.estado.rs.gov.br/primeira-mulher-a-comandar-batalhao-da-brigada-militar-assume-posto-na-capital>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **As mulheres nas instituições policiais**. 2015. Disponível em: <[http://www.forumseguranca.org.br/storage/publicacoes/FBSP\\_Mulheres\\_instituicoes\\_policias\\_2015.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/storage/publicacoes/FBSP_Mulheres_instituicoes_policias_2015.pdf)>. Acesso em: 21 abr. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

HAIR Jr., J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

LIMONGI-FRANÇA, A. C.; RODRIGUES, A. L. **Stress e trabalho**: uma abordagem psicossomática. 4.ed. 191 p. São Paulo: Atlas, 2005.

LIPP, M. N. **O stress no Brasil**: Pesquisas avançadas. São Paulo: Papirus, 2004.

LOPES, L. F. D. *et al.* **Estatística geral**. Caderno didático. 3. ed. Santa Maria: UFSM, 2008.

MALHOTRA, N. F. N. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

PASCHOAL, T. TAMAYO, A. Validação da escala de estresse no trabalho. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 45-52, fev., 2004.

PITTS, P. F.; FERRAZ, S. B.; LIMA, T. C. B. Qualidade de Vida no Trabalho: um estudo com Mulheres na Polícia Militar. **Diálogo**, n. 27, p. 57-73, dez. 2014.

RIBEIRO, A. N.; GARCIA, F. C. Relações de poder e gênero no alto comando da polícia militar de Minas Gerais: uma análise da percepção das mulheres policiais. **Teoria e Prática em Administração**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 53-79, 2015.

ROSA; I. O. **“Eu era o terceiro homem”**: um estudo de gênero com mulheres policiais civis e militares. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

ROSSI, A. M. Estressores ocupacionais e diferenças de gênero. In: ROSSI, A. M.; PERREWÉ, P. L.; SAUTER, S. L. (Org.). **Stress e Qualidade de Vida no Trabalho**: perspectivas atuais da saúde ocupacional. São Paulo: Atlas, 2012.

SOARES, B. M; MUSUMECI, L. **Mulheres policiais**: presença feminina na polícia militar do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SONNENTAG, S.; BAYER, U. Switching off mentally: Predictors and consequences of psychological detachment from work during off-job time. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 10, p. 393-414, 2005.

STEIL, A. V. Organizações, gênero e posição hierárquica - compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração**, v. 32, n. 3, p. 62-69, 1997.

TAMAYO, A. Impacto dos Valores da Organização sobre o Estresse Ocupacional. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 20-33, 2007. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/periodicos/arq\\_pdf/a\\_633.pdf](http://www.anpad.org.br/periodicos/arq_pdf/a_633.pdf)>. Acesso em: 19 mai. 2020.

XAVIER, J. W. O.; RIOS, O. L.; FRANÇA-BOTELHO, A. C. Qualidade de Vida no Trabalho, o Desafio de Vencer a Síndrome de *Burnout* e suas Consequências. **Revista Saúde e Pesquisa**, Unicesumar. v.6, n. 1, p. 117-121, jan./abr., 2013.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

ALMEIDA, D. M; LOPES, L. F. D; COSTA, V. M. F; CORRÊA, J. S; MENEGAZZI, R. B Estresse Ocupacional e Relações de Gênero Entre Policiais Militares do Rio Grande do Sul. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 11, art. 16, p. 305-323, nov. 2020.

<b>Contribuição dos Autores</b>	<b>D. M. Almeida</b>	<b>L. F. D. Lopes</b>	<b>V. M. F. Costa</b>	<b>J. S. Corrêa</b>	<b>R. B. Menegazzi</b>
1) concepção e planejamento.	X	X	X	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X	X	X